

FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE COMO FATORES DE INFLUÊNCIA NO USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO NO ESPANHOL FALADO EM VALÊNCIA

Valdecy de Oliveira Pontes
José Victor Melo de Lima

1 Introdução

Já virou truísmo que a linguística proposta por Ferdinand de Saussure, no início século XX, se volta para o aspecto formal da língua. Esta é, então, tomada como o verdadeiro objeto de estudo dessa ciência e é isolada de tudo o que lhe exterior, uma vez que, para o linguista genebrino, “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 55) e é tomada “em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 305).

Ao estabelecer as célebres dicotomias *língua/fala* e *sincronia/diacronia*, Saussure se afasta de uma concepção social dos estudos linguísticos ao dar primazia ao estudo das primeiras (língua e sincronia) em detrimento das segundas (fala e diacronia). Ora, isso não significa que o linguista exclua a historicidade inerente à língua, mas, para ele, o falante “se acha diante de um estado” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 123). Em outras palavras, ao nos expressarmos, conhecemos o estado atual da língua e não precisamos investigar o modo ou os motivos pelos quais ela chegou a uma determinada forma.

De modo análogo, Saussure reconhece o fato de que as línguas mudem, no entanto, o linguista entendia que tudo o que provoca mudança em qualquer nível do sistema linguístico, pertence ao domínio interno da língua. É claro que essa maneira de racionalizar os estudos linguísticos, apesar de fundamentar a linguística moderna, reflete uma delimitação metodológica, um ponto de vista e, como o próprio Saussure assevera, “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 39). Já naquele período pós-publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, o caráter social da língua é reivindicado por linguistas como Antoine Meillet.

Distanciando-se das ideias saussurianas, o linguista francês e também discípulo de Saussure, defendia não uma separação, mas uma convergência entre a linguística interna e a linguística externa. Para ele, a língua não poderia ser concebida de forma dissociada de sua diacronia, ou seja, de sua história. A concepção de língua para Meillet é, portanto, “*ao mesmo tempo* um ‘fato social’ e um ‘sistema que tudo contém’ [grifo do autor]” (CALVET, 2002, p. 16).

Apesar da proposição de tal perspectiva, durante a primeira metade do século XX, a linguística é marcada pelos estudos estruturalistas, os quais, sabemos, consideram a língua como “sistema monolítico, uniforme e homogêneo” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 242, tradução nossa)¹. É somente a partir da década de 60 que a relação entre língua e sociedade será mais bem definida.

Nesse período, um grupo de linguistas retoma as discussões acerca da mudança linguística, assim como a incidência de fatores sociais agindo sobre essa, e contesta o caráter homogêneo da língua defendido pelas correntes de base formalista. Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog percebiam a língua não mais como um sistema isolado do aspecto social e voltado para a sua estrutura interna. Dessa forma, a mudança linguística não poderia ser entendida fora da comunidade de fala e da estrutura social, tendo em vista que determinadas variações, na percepção desses estudiosos, sofrem pressões sociais e estilísticas e não apenas pressões internas ao sistema.

Das correntes anteriores, esses linguistas adotam o entendimento de língua como um sistema de regras, mas além das regras categóricas inerentes a esse sistema, também o constituem as regras variáveis. Em outros termos, o sistema não é configurado somente por fatores internos, mas também por fatores externos a ele. Para Labov, validando a tese de Meillet, “as explicações para o curso irregular da mudança linguística devem ser procuradas na composição social flutuante da comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 365).

Sendo assim, nessa vertente, a língua passa a ser vista como um objeto de heterogeneidade estruturada e de variabilidade ordenada. Erguem-se, assim, as bases da área da linguística que se preocupa em dar explicações ao processo de variação e mudança nas línguas naturais, isto é, a Sociolinguística, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa; Sociolinguística Laboviana; Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (COELHO *et al.*, 2015).

A partir da segunda metade do século XX, vários estudos atestam, sistemática e cientificamente, a influência de fatores sociais nos fenômenos de variação (SILVA-CORVALÁN; ENRIQUE-ARIAS, 2017). Em razão disso, a presente pesquisa — fruto do nosso trabalho final de conclusão de um Mestrado em Linguística — pretende analisar a influência das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* na alternância entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol falado da cidade de Valência, situada na costa sudeste da Espanha.

Apesar de esse ser um tema clássico dentro dos estudos variacionistas, Calderón Campos e Medina Morales (2010) alertam-nos para a sua precária bibliografia no que se refere às variedades do espanhol peninsular atual. Ainda que, acreditamos, esse quadro não se apresente tão escasso como o era a uma década atrás, uma rápida pesquisa parece evidenciar que estudos dessa natureza, nessa comunidade de fala, continuam sendo poucos (cf. FERNÁNDEZ; GERHALTER, 2017). Esses aspectos foram basilares para a proposição deste trabalho.

2 O papel da variável faixa etária

A variável *faixa etária* ou *idade*² tem se mostrado relevante em várias pesquisas variacionistas, principalmente, naquelas que abordam a variação nas formas de tratamento em espanhol. Sabendo que a idade do falante pode determinar diferenças linguísticas, o controle dessa variável faz-se importante, pois permite ao pesquisador analisar se um fenômeno variável se encontra em um processo de variação estável ou se se trata de uma mudança em curso. A propósito, de acordo com Moreno Fernández (2009), a idade é a variável que mais condiciona a variação linguística.

Em pesquisas sociolinguísticas, a presença da *faixa etária* responde a um problema metodológico ligado ao modo a partir do qual se pode observar a mudança linguística. Dito de outra maneira, a possibilidade de mudança pode ser observada a partir de um estudo em *tempo real* ou um estudo em *tempo aparente* (LABOV, 1994). Sumariamente, no primeiro, compara-se a fala de grupos de diferentes gerações. Isso é possível porque:

[...] uma vez concluído o período de aquisição linguística — por volta da adolescência — o idioleto se estabiliza e não é, essencialmente, alterado. Isso significa, por exemplo, que a fala de uma pessoa de 70 anos representaria, na atualidade, a dos falantes de 20 anos de meio século atrás. Portanto, os padrões de variação linguística dos primeiros poderiam ser comparados com os de outras gerações, com o fito de verificar a existência de possíveis mudanças “em curso” [grifo do autor] no seio da comunidade de fala. (BLAS ARROYO, 2012, p. 270, tradução nossa).³

No segundo tipo de estudo, compara-se um mesmo fenômeno em diferentes épocas, no entanto, exige bastante tempo de pesquisa, pois, conforme Freitag (2005), há de se considerar um lapso temporal. Por outro lado, como vimos, o estudo em *tempo aparente* permite analisar o mesmo fenômeno, na mesma comunidade, em um tempo menor, ao estratificarmos os informantes em função de sua idade.

Vale frisar que, ao considerarmos a variável em questão, estamos, ainda, no campo das possibilidades, isto é, só podemos falar em indicativos de mudança (COELHO *et al.*, 2015). Consoante ao que explanamos na seção anterior, nem toda variação resulta em uma mudança. Desse modo, para uma efetiva constatação de mudança em curso, estudos em *tempo aparente*, lembram Coelho *et al.* (2015), geralmente são complementados com estudos do tipo em *tempo real*.

No âmbito do estudo das formas de tratamento em espanhol, a pesquisa de Sanromán Vilas (2010) parece corroborar a afirmação de Moreno Fernández (2009) mencionada anteriormente. Ao analisar a variação entre *tú* e *usted* em duas gerações de jovens (de 13 a 14 anos e de 22 a 24 anos) da cidade de Cádiz e apesar de não encontrar grandes diferenças, a autora conclui que a idade é o fator que mais condiciona a escolha por uma forma de tratamento.

Outros estudos como os de Morín, Almeida e Rodríguez (2010), na cidade de Las Palmas de Gran Canaria e Orozco (2010), em Guadalajara, no México, atestam que são os jovens os que mais fazem uso de *tú* e, dessa forma, caminham da formalidade em direção ao *tuteo*⁴. Semelhantemente, na pesquisa de Nowikow (2010) sobre o uso de *tú* e *usted* em jovens universitários da cidade Jalisco, também no México, a idade aparece como primeiro fator que motiva o uso de *tú*. Diante disso, o controle dessa variável é basilar para verificarmos os padrões de variação na cidade foco deste estudo.

3 Qual o papel da escola nisso tudo?

Já sabemos que a mudança linguística é um fenômeno intrínseco às línguas naturais. Toda língua sofre processos de alterações ao longo do seu curso histórico. No entanto, a ocorrência dessas alterações não nos é perceptível, uma vez que a língua passa por momentos de maior ou menor instabilidade o qual denominamos de

variação linguística. Assim, toda mudança é resultado de um estado prévio de variação, mas, cumpre ressaltar que nem toda variação pressupõe uma mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Dito isso, claro está, portanto, que toda comunidade de fala, independente do seu tamanho, apresenta variação linguística. Ao produzirmos discurso, há situações em que podemos optar por uma forma ou outra para expressar o mesmo significado, posto que tais formas possuem o mesmo valor referencial/representacional (LABOV, 1978). Essa escolha do falante, como vimos, é guiada por vários fatores e, dentre esses, o *nível de instrução, estudos, grau de escolaridade* ou, simplesmente, *escolaridade*, qual seja a terminologia adotada, é, comprovadamente, uma variável que determina a variação nas comunidades de fala.

Ao lidar com fenômenos linguísticos variáveis, inúmeros pesquisadores têm considerado os níveis de estudos dos sujeitos em suas análises. Esses níveis refletem os anos de escolarização desses indivíduos. Dessa forma, como os grupos sociais são diferenciados pelo uso que fazem da língua, e, nos termos de Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) “o ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva”, porém necessária, busca-se investigar a influência da escola no comportamento linguístico dos falantes.

Essa busca decorre do fato de as instituições de ensino atuarem no sentido de padronizar a língua e, no que se refere às variedades linguísticas, muitas vezes, caminham principalmente em direção às variedades padrão. Como afirma Votre (2015, p. 52), “A escola move campanhas em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos, solecismos e estrangeirismos* [grifo do autor].”. Isso, conseqüentemente, pode ter um efeito normativo no comportamento dos alunos. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico.”.

Apesar de os indivíduos com nível de escolaridade alta terem, conseqüentemente, maior contato com a cultura letrada e a variedade padrão da língua e, portanto, esperarmos, desses, maior uso de formas linguísticas prestigiadas, alguns estudos sobre a variação entre *tú* e *ustedho* espanhol têm contrariado essa expectativa. Medina López (2004), ao estabelecer um panorama sobre o estudo das formas de tratamento em Canarias, põe em relevo o uso majoritário da forma *tú* por falantes de socioleto alto e sujeitos com nível de escolaridade médio e universitários.

De modo análogo, Orozco (2010) constata que, na cidade de Guadalajara, México, os informantes com educação superior estão ligeiramente acima (68%) no uso dessa forma frente aos informantes com educação média (65%) e primária (53%). Tal comportamento, ponderamos, pode estar atrelado à extensão do uso das formas de confiança — usadas no âmbito familiar e nas relações de proximidade — na maioria das comunidades de fala espanhola (Carricaburo, 1997). Sendo assim, resta-nos verificar a atuação dessa variável no uso de *tú* e *usted* em Valência.

4 Procedimentos metodológicos

Pelos motivos arrolados na seção primeira deste artigo, essa pesquisa situa-se no âmbito de uma comunidade de fala do espanhol peninsular, a saber, a cidade de Valência. Essa cidade compõe um grupo formado por, aproximadamente, 40 equipes

comprometidas com a pesquisa sociolinguística nas comunidades de fala hispano-falantes. Sob o nome de "Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América – PRESEEA", esse grupo tem como objetivo "[...] a criação de um *corpus* da língua espanhola falada representativo do mundo hispano em sua variedade geográfica e social." (PRESEEA, 2020, tradução nossa)⁵.

Dentre as cidades peninsulares pertencentes ao PRESEEA, nossa escolha por Valência deu-se em função da necessidade de trabalhar com um *corpus* cujo processo de coleta, de transcrição e de publicação já estivesse findado, haja vista que algumas cidades ainda estão em vias de finalização de um desses processos. Igualmente, a viabilização do acesso ao *corpus*, bem como um desenho metodológico que tornasse exequível a captura do fenômeno em estudo foram fundamentais para trabalharmos com o denominado: "Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia" (doravante PRESEVAL).

O PRESEVAL (GOMEZ MOLINA, 2001; 2007) é composto por 74 entrevistas do tipo semiestruturadas, estratificadas por *sexo* (homem/mulher), *idade* (três grupos de faixas etárias: de 20 a 34; de 35 a 54 e acima de 55 anos), *escolaridade* (três níveis: baixo, médio e alto) e *língua habitual* (castelhano-falantes e bilíngues). Como não é nossa pretensão realizar uma análise exaustiva da variação entre as formas de tratamento pretendidas aqui, elencamos um total de 36 inquéritos estratificados a partir dos grupos de fatores *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Para esse último, optamos por trabalhar com os extremos, isto é, com os níveis de escolaridade baixo e alto.

Essa decisão não foi aleatória. Ao excluirmos o nível médio de escolaridade, de modo algum queremos tirar-lhe significância para as pesquisas variacionistas. Em uma análise mais robusta, o seu controle é fundamental para revelar padrões de variação. No entanto, a partir de nossa consulta bibliográfica, percebemos certa polarização no uso dos pronomes em questão quando relacionados à variável *escolaridade* (cf. HUMMEL; HKLUGE; VÁZQUEZ LASLOP, 2010). Geralmente, o percentual de uso de *tú* ou *usted*, nos falantes com nível médio de *escolaridade*, aproxima-se de um dos supracitados extremos. Portanto, tendo em vista o escopo desta pesquisa, ponderamos que tal exclusão seja viável.

Cumpramos ressaltar, ainda, que a amostra referente às formas de tratamento *tú* e *usted* foram compostas apenas por aquelas que se encontravam em posição de sujeito oracional, explícitas ou não. Consideramos ambas realizações porque nem sempre o pronome vem expresso na frase, pois, "[...] em espanhol, o pronome sujeito aparece somente quando o falante o julga indispensável para a correta compreensão de suas intenções comunicativas". (MATTE BON, 2008, p. 249)⁶.

Neste íterim, cabe destacar, ainda, que, conforme registramos na seção dedicada à introdução, este artigo é resultado de um trabalho prévio de investigação durante o Mestrado em Linguística na Universidade Federal do Ceará, finalizado em 2018. Naquela oportunidade, trabalhamos com um total de nove grupos de fatores, a saber: *tipo de frase*, *tipo de referente*, *tipo de discurso*, *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *estilo discursivo*, *complexidade do assunto*, *relação de proximidade entre os interlocutores*. Contudo, em virtude da limitação deste espaço, procederemos à análise e discussão, unicamente, dos fatores *idade* e *escolaridade*.

Posterior à coleta, os dados foram categorizados e, como adotamos uma metodologia de análise quantitativa, submetidos às rodadas estatísticas oportunizadas pelo pacote computacional conhecido como Varbrul/Goldvarb (2005), ou por seu nome, em inglês, *VariableRulesAnalysis*. Esse *software* é bastante

utilizado em pesquisas sociolinguísticas quantitativas por possibilitar, estatisticamente, o estudo da variação linguística. Sobre isso, Guy e Zilles (2007, p. 105) afirmam que “[...] o uso do Varbrul facilita a construção de um modelo quantificado dos processos linguísticos [...] que controlam e produzem os padrões regulares da variação sociolinguística”.

Assentados nos estudos sobre a temática em foco os quais apontam para um avanço do *tuteo* em inúmeras comunidades de fala hispanófonas (cf. HUMMEL; KLUGE; VÁSZQUEZ LASLOP, 2010), ponderamos que o uso do pronome *tú* seja preponderante nos falantes mais jovens e com maior escolaridade. Por outro lado, acreditamos que o uso de *usted* seja majoritário nos falantes de mais idade e com menor nível de escolaridade.

A seguir, apresentamos a configuração dos grupos de fatores controlados e analisados na seção posterior. Chamamos a atenção para o fato de facilitarmos a tradução, para o português, da amostra que ilustra o uso desses pronomes em espanhol. Todavia, na transposição de uma língua para a outra, abstraímos questões pragmáticas de uso dessas formas em língua portuguesa por entendermos que estamos analisando o material linguístico em língua espanhola. Logo, ao traduzir, mantivemos o paradigma pronominal e verbal de ambas as formas. Isso posto, os grupos foram os seguintes:

4.1 Idade

a) Faixa etária 1: de 20 a 34 anos

- (1) [...] conesaley// que sea una multa tan grande por/ entrar a un bar/ que a lomejor no te **das** cuenta que no es de fumadores/ a lomejor **entras** con un cigarro y te pilla a alguien// que te pongan una denuncia/ creo que es de// mil quinientos euros o por ahí (bufido)/ demasiado// eso está muy duro también (com essa lei// que seja uma multa tão grande por/ entrar em um bar/ que talvez não te **dás** conta que não é de fumantes/ talvez **entras** com um cigarro e alguém te flagra// que te coloquem uma denuncia/ creio que é de// mil quinientos euros ou por aí (resfôlego)/ bastante// isso é muito difícil)
(ENTREVISTA 23 – VAL02311HB06)

b) Faixa etária 2: de 35 a 54 anos

- (2) [...] !Ah ¿no lo **sabías**? ¿No te lo he conta(d) nunca?/(Ah! não o **sabias**? Eu não te contei?)
(ENTREVISTA 01 – VAL00132MC96)

c) Faixa etária 3: acima de 55 anos

- (3) [...] **tendría** que venir a verla/ lo primero (**teria** que vir vê-la/ primeiramente)
(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

4.2 Escolaridade

a) Nível baixo

- (4) puede ser/ aa- también hay veces que/ en casa seguían son las patatas// oo- oo no sé/ para mí yo creo que debe de ser la clase de la patata/ también hay veces que la **sabre**/ pero NO es igual// esas que compramos es como si fuese una bechamel/ (pode ser/ aa- também há vezes que/ em casa dependendo de como sejam as batatas// oo- oo não sei/ para mim eu acho que deve ser a classe da batata/ também há vezes que as

abre/ mas NÃO é igual// essas que compramos é como se fosse um bechamel/)

(ENTREVISTA 06 – VAL00613MB01)

b) Nível alto

(5) [...] yoquise ser albañil// porque mi padre era albañil/ es curioso// y me decían **tú** *querías ser arquitecto/* (eu quis ser pedreiro/ porque meu pai era pedreiro/ é curioso// e me diziam *não tu querias ser arquiteto/*)

(ENTREVISTA 06 – VAL00631MB98)

5 Análise dos dados

Após o tratamento estatístico dos dados realizado pelo *software* Goldvarb (2005), chegamos a um total de 1.286 ocorrências dos pronomes em estudona posição gramatical pretendida. Desse número, obtivemos 1.185 registros de *tú* (92.1%) e 101 de *usted* (7.9%). Além disso, ressaltamos que o programa supra atribui, ainda, uma escala de significância em um peso relativo que vai de 0,0 a 1,0 sobre o efeito dos grupos de fatores em relação a variante adotada como regra de aplicação, em nosso caso, *tú*.

Para o fenômeno variável, o efeito da regra de aplicação pode ser neutro (0,50), pode favorecê-lo (acima de 0,50) ou desfavorecê-lo (abaixo de 0,50) (GUY; ZILLES, 2007). Nesse sentido, o programa seleciona os grupos de fatores que foram significativos para o fenômeno variável em análise e os que não apresentam significância. Isto é, que não influenciam estatisticamente, neste caso, o uso de uma forma ou outra. Em nossa pesquisa, dentre outros fatores, ambas as variáveis *faixa etária* e *escolaridade* foram significativas para a variação entre *tú* e *usted* no espanhol falado na cidade valenciana. Em seguida, procederemos à análise e discussão dos dados.

Tabela 1 – Atuação do grupo de fatores *faixa etária* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Faixa etária 2 (35 a 54 anos)	329/353	93.2	0.695
Faixa etária 1 (20 a 34 anos)	481/488	98.6	0.676
Faixa etária 3 (+ de 55 anos)	375/445	84.3	0.189

Fonte: elaborada pelos autores

Na ordem de significância, a *faixa etária* foi o segundo grupo selecionado e, como podemos verificar na tabela, os informantes da *faixa etária 2* (*de 34 a 55 anos*) favoreceram a variante *tú* com peso relativo 0.695 (cf. exemplo 7) e percentual de (93.2%), seguidos pelo grupo da *faixa etária 1* (*de 20 a 34 anos*) com 0.676 (cf. exemplo 6) e (98.6%). No tocante à *faixa etária 3* (*acima de 55 anos*), ainda que a forma *tú* tenha sido frequente, em termos percentuais (84.3), o seu peso relativo (0.189) revela-nos certa insignificância. De fato, esse grupo foi o que apresentou o maior uso da variante *usted* (cf. exemplo 8), forma mais conservadora. A frequência do uso dessa variante, como podemos perceber, diminui consideravelmente nas demais faixas etárias.

(6) puesyotrabajoenelmacdonals/ y undíacualquierapues// si te ponenencaja/ es (risas)/ conmuchaprisa/ es undíamuy liado/ porque **tú**-vieneun cliente/ ledices qué quiere/ **lomarcas**/ te da eldinero/ **lecobras**/ le das el cambio/ y en seguida te **vas**corriendo a cogerlas hamburguesas/ la bebida y sobre todo laspatatas/ (pois eu trabalho no macdonals/ e um dia qualquer pois// se te mandam para o caixa/ é (risos) com muita pressa/ é um dia muito cheio/ porque **tu**- o cliente vem/ pergunta-lhe o que ele quer/ **anota-o**/ ele te dá o dinheiro/ **cobra**-lhe/ devolve-lhe o troco/e em seguida **vais** correndo pegar os hambúrgueres/ a bebida e sobretudo as batatas/)

(ENTREVISTA 24 - VAL02411MB06)

(7) pero si en casa no **tienes**una educación// enelcolegiotampoco te van a decirotraeducación/// yopiensoeso/ de que si **tú** hascogido a unhijo/ l(o) has- l(o) has- l(o) **has cria(d)o** como lodebesde criar/ **lehasenseña(d)o** tus- tus cosas// es como cuando**coges**unárbol/ si **tú** de pequeñoloriegas/ losiembras/ lovaseducando para que crezca sano y fuerte/ pueseela vida de una persona creo que es igual (mas se em casa não **tens** uma educação// no colégio tampouco vão te dar outra educação/// eu penso isso/ que se **tu** tiveste um filho/ o cri- o cri- o **criaste** como o **deves** criar/ **ensinaste**-otuas- tuas coisas// é o mesmo quando **pegas** uma árvore/ se **tu a águas** desde pequena/ a **semeias**/ **vais** cuidando dela para que cresça saudável e forte/ pois ee a vida de uma pessoa acredito que é igual)

(ENTREVISTA 10 - VAL01012HB02)

(8) iuy!/ creía que **decía** el dinero digo *si no tengo si no tengo ¿cómo lo voy a gastar?*ah!/ pensava que **se referia** ao dinheiro *se não tenho se não tenho como vou gastá-lo?*

(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

Como hipótese, defendíamos que os falantes das faixas etárias 1 e 2 estariam mais propensos ao uso da variante *tú*, sendo esse uso mais expressivo no primeiro grupo e, por outro lado, o terceiro grupo preferiria o uso da variante *usted*. Os resultados em questão confirmam as nossas suposições iniciais de que a forma de tratamento supra é mais recorrente na fala dos mais jovens e, ainda que a frequência dessa variante seja bastante significativa na fala dos mais velhos, a manutenção da forma pronominal *usted* é mais expressiva na fala desses indivíduos.

Morín, Almeida e Rodríguez (2010) chegaram a resultados semelhantes ao estudarem a variação e mudança no sistema pronominal de tratamento da cidade de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. Ao analisarem o uso de *tú* e *usted* em contextos como familiar e social, a presença da variante mais conservadora foi majoritária nos falantes de mais idade e cai progressivamente nas gerações de menor idade. No âmbito laboral, o grupo de menor idade e o grupo de mais idade se destacam pelo uso da forma *usted* (72.6% e 91.2%, respectivamente). O grupo de idade intermediária segue com (68.6%) de uso dessa variante. Nesse contexto, os autores asseveram que as relações são marcadas pela assimetria, enquanto que nos demais, as relações se aproximam da informalidade. Para os autores, o contexto social no qual está imersa a cidade, tida como inovadora e aberta ao exterior, dentre outras características, tem proporcionado que as relações, antes, assimétricas (*usted-tú*), evoluam para relações mais simétricas (*tú-tú*). Esse processo, como apontam os pesquisadores, é liderado pelas gerações mais jovens.

Sanromán Vilas (2010) chegou a resultados próximos no estudo apontado anteriormente. Ao averiguar quais os principais fatores que determinam esse tipo de variação, conforme adiantamos, a autora conclui que é a idade, mais que qualquer outro fator social, que influencia a eleição de uma forma de tratamento ou outra. Como a pesquisa anterior, Sanromán Vilas (2010) elencou algumas situações como *a família, os amigos, o contexto laboral, o contexto acadêmico* e o *encontro com um desconhecido*. No geral, a autora não encontrou grandes diferenças entre as duas gerações. No âmbito familiar e com os amigos, a forma preferida é quase que exclusivamente *tú*. Nas demais situações, o uso da forma *usted*, verificou-se quando o interlocutor tinha uma idade superior ou era pouco conhecido.

Ao analisar o progresso do *tuteo*, ou seja, o uso da forma *tú*, na produção linguística de falantes da cidade de Guadalajara, México, Orozco (2010) dividiu os informantes em dois grupos de faixa etária, os que tinham entre 20 e 39 anos e os que tinham entre 60 e 79 anos. Apesar de não demonstrarem uma diferença significativa no uso da variante mencionada (65% no primeiro grupo e 59% no segundo), a pesquisadora constatou que havia diferença com a idade, mas essa se concentrava no grupo de mulheres. O *tuteo* era superior na fala de informantes mais jovens. Ademais, segundo a autora, apesar da diferença mínima, o grupo de maior idade reconheceu que a norma linguística que eles aprenderam está mudando.

Analisar a variação considerando esses grupos de idade, ou seja, a partir de um estudo em *tempo aparente*, permite-nos olhar o presente para hipotetizarmos sobre o futuro. Em nossa pesquisa, os resultados parecem evidenciar um processo de mudança em curso, visto que a presença da variante inovadora se dá em porcentagem expressiva na primeira faixa etária (98.6%), seguido pelo grupo de idade intermediária (93.2%) e não no grupo dos falantes mais velhos (84.3%).

Segundo Eckert (1998, p. 151, tradução nossa), “[...] a idade é o lugar de uma pessoa em um determinado momento em relação à ordem social: um estágio, uma condição, um lugar na história”⁷, e a língua, obviamente, possibilita as relações do indivíduo nesses estágios. Ainda conforme a autora, é improvável que um falante passe por todas as transformações de uma vida sem alterar o uso das variáveis sociolinguísticas. Dessa forma, acreditamos que as transformações ocorridas nas sociedades ocidentais contribuem, também, para a diferença nos usos linguísticos encontradas nos grupos estudados.

Somos sabedores de que os papéis sociais mudam no curso da história. Os jovens, por exemplo, têm rede de relações sociais mais ampla. Por outro lado, os mais velhos movimentam-se menos geograficamente e isso, conseqüentemente, reduz os contatos linguísticos desses indivíduos com outras comunidades de fala. Eckert (1998), ressalta, ainda, que os sistemas de idade determinam comportamentos adequados à determinada idade. Isso, de acordo com a autora, tem implicações linguísticas, seja pressionando o conservadorismo na idade adulta ou impondo características vernaculares na pré-adolescência.

Tabela 2 – Atuação do grupo de fatores *escolaridade* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

<i>Grupo de fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>Percentual (%)</i>	<i>Peso Relativo</i>
Nível alto	681/732	93.0	0.561
Nível baixo	504/554	91.0	0.420

Fonte: elaborada pelos autores

Em uma primeira rodada dos dados, a variável *escolaridade* não havia sido selecionada como significativa pelo programa estatístico. Nessa rodada, os informantes com nível alto de escolaridade apresentaram uma aplicação de 681 de um total de 732 dados e percentual de uso de *tú* de (93%). Por outro lado, os indivíduos com nível de escolaridade baixo tiveram uma aplicação de 504 do total de 554 dados e percentual de (91%), sendo, portanto, descartada pelo Goldvarb. No entanto, após a necessidade e a decisão metodológica de amalgamarmos o grupo de fatores *relação de proximidade entre os interlocutores*, realizamos uma segunda rodada e essa situação inverteu-se revelando os resultados acima apresentados e que analisamos a seguir.

Nessa nova rodada, *escolaridade* foi a última variável selecionada como significativa para a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*. Os informantes com nível de escolaridade alta, conforme frequência de ocorrência (93.0%) e peso relativo (0.561), favorecem, moderadamente, o uso da variante *tú* (exemplo 10). Em outro sentido, apesar de o percentual de uso ser igualmente elevado, (91.0%), o peso relativo (0.420) indica que a forma de tratamento *tú* é desfavorecida na presença do fator nível de escolaridade baixa (exemplo 9). Desse modo, confirmamos nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores, pois hipotetizamos que os informantes mais escolarizados prefeririam a variante inovadora. Abaixo oferecemos alguns exemplos que refletem o uso dessas variantes por indivíduos pertencentes a esses níveis:

(9) [...] y hay que gastarse el dinero para que corra/ exacto/ hay que cor- hay que- **tiene** que dar vuelta al dinero porque si no no- no hacemos nada (e tem que gastar o dinheiro para que corra/ exato/ tem que cor- tem que- **tem** que fazer o dinheiro rodar porque se não não- não fazemos nada)

(ENTREVISTA 07 - VAL00712HC01)

(10) te lo voy a explicar/ pues **cooges** y **pones** en/ una- cazuela con agua/ con mucha cantidad de agua porque e/ e así la pasta absorbe el agua/ bueno solo explico luego/ **echase** un chorroncito de aceite y un ajo y sal/ cuando el agua esté hirviendole **echas** la cantidad de espaguetis que **tú** creas necesario para la gente que va- que va a comer/ luego o/ **haces** un sofrito/ le **echas** ajo/ cebolla/ ee bel-trocitos de beicon/ que puede ser ahumado/ de pavo/ o beicon/ de cerdo/ normal/ y **haces** trocitos pequeños y **haces** un sofrito/ lo **rehogas** todo/ cuando los espaguetis ha absorbido el agua/ están secos/ **quitas** el ajo/ yy- y **mezclas** todo/ luego **echas** nata/ y sal y pimientas/ y **vas** probando hasta que esté en su punto/ y los **sirves** (vou te explicá-lo/ pois **pegas** ee **pones** em/ uma- panela com água/ com muita quantidade de agua porque e/ ee assim o macarrão absorve a água/ bom isso eu o explico logo/ **colocas** ee um fiozinho de azeite e um alho e sal/ quando a água esteja fervendo **colocas** a quantidade de espaguetis que **tú** achas necessário para as pessoas que va- que vão comer/ logo o/ **fazes** um refogado/ **colocas** alho/ cebola/ ee bel-pedacinhos de beicon/ que pode ser defumado/ de peru/ ou beicon/ de porco/ normal/ ee **fazes** pedacinhos pequeninhos e **fazes** um refogado/ **refoga**-o todo/ quando os espaguetis tiverem absorvido a água/ estão secos/ **tiras** o alho/ ee- e **misturas** tudo/ logo **colocas** nata/ e sal e pimenta/ e **vais** provando até que esteja em seu ponto/ e o **serves**)

(ENTREVISTA 18 – VAL01831MC99)

Medina López (2004), ao tratar da variação entre as formas *tú* e *ustedem* três localidades das Ilhas Canárias, chegou, igualmente, a resultados que contrariam a hipótese clássica de que falantes mais escolarizados tendem a utilizar formas linguísticas tidas como mais conservadoras. O pesquisador controlou os seguintes fatores: *analfabetos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, no município de Buenavistadel Norte, Tenerife; *analfabetos e sem estudos, estudos primários incompletos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, no município de Las Palmas de Gran Canaria e *analfabetos/sem estudos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, na ilha de La Gomera. Apesar de no trabalho, ao qual tivemos acesso, não constarem os percentuais de uso e pesos relativos para cada fator, Medina López (2004) conclui que os informantes com nível de estudo *médio e superior* favorecem o uso do *tuteo* nessas comunidades. Segundo o autor, a extensão do uso de *tú* nos indivíduos com socioleto alto e mais jovens evidencia um progresso das relações solidárias.

Indo na mesma direção, Orozco (2010), como mencionamos anteriormente, constatou que são os falantes com estudos médio ou superior que estão à frente no processo de expansão do *tuteo*. Em um *corpus* constituído por 24 informantes (12 homens e 12 mulheres), divididos em dois grupos de idade (20 e 34 anos e 60 e 79 anos), a autora controlou a variável *escolaridade* a partir dos seguintes fatores: *básica*, que reunia as pessoas com educação primária, isto é, tinham seis anos de escolaridade; *média*, com informantes que haviam cursado a educação secundária, *bachillerato* ou estudos equivalentes, com um total de 9 anos de escolarização e *superior*, que concentrava as pessoas com estudos universitários.

Orozco (2010) assevera haver uma clara relação entre a variável *escolaridade* e o *tuteo*, pois, quanto mais anos de escolarização, maiores eram o percentual de uso desse fenômeno (educação *básica*, 53%; educação *média*, 65% e educação *superior*, 68%). A variante *tú* foi favorecida pelos fatores *escolaridade média e superior*, segundo os pesos relativos (0.562) e (0.518), respectivamente. Por outro lado, a forma *tú* é desfavorecida na presença do fator *escolaridade básica* (0.410). Assim, tanto as porcentagens como os pesos relativos evidenciaram que os informantes com estudos mais altos estão na vanguarda da extensão do *tuteo* nessa comunidade.

Votre (2015) afirma que a influência da variável *escolaridade* pode estar associada tanto aos mecanismos de promoção quanto aos mecanismos de resistência à mudança. Nesse sentido, assim como os trabalhos anteriormente comentados, os indivíduos com *escolaridade alta* parecem encabeçar o processo de mudança em progresso rumo ao *tuteo*. Sabemos que o uso das formas linguísticas feito pelo falante reflete o uso feito na comunidade de fala, de fato, ao falarmos sobre mudança linguística, essa não pode ser entendida sem considerarmos a vida social da comunidade em estudo (LABOV, 2008 [1972]). Pela frequência de uso do *tuteo*, é evidente a avaliação social positiva desse fenômeno na comunidade de fala valenciana; e o uso, de acordo com Votre (2015, p. 52), "cristaliza, fixa, por repetição, as expressões preferidas pelos membros da comunidade.". Prova disso é o uso de *tú* entre professor e aluno mencionado por Matte Bon (2008) em sua Gramática Comunicativa, situação essa em que se espera certa assimetria no tratamento, pois, de acordo com a teoria de Brown e Gilman (1960), podemos observar, nesse contexto, uma relação de poder do docente sobre o discente.

Assim, acreditamos que, por os indivíduos mais escolarizados terem uma rede de relações mais ampla, uma maior mobilidade social e terem mais contato com o mercado de trabalho, eles estão mais expostos e têm mais contato com a dinâmica de uso dessa variante. Conforme Figueiredo (2012), o compartilhamento de experiências sociolinguísticas determina a expansão do repertório linguístico do falante, apesar de ele integrar determinado fator do grupo de fatores *escolaridade*. Além disso, essa expansão do uso de *tú*, ponderamos, circula no meio escolar, inclusive, na escrita formal, o que configura um uso não prescrito pelas gramáticas normativas, no entanto, validado pelo uso linguístico.

6 Conclusão

O presente artigo analisou a influência das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* na variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral da cidade de Valência. Com o fito de respondermos tentativamente a esse problema e apoiando-nos em estudos sobre a temática em pauta, antecipamos a hipótese de que os falantes mais jovens e com nível alto de escolaridade estariam mais propensos ao uso de *tú*. Por outro lado, supomos que os indivíduos mais velhos e pertencentes a um nível baixo de escolaridade utilizariam mais a forma pronominal *usted*.

Após as rodadas estatísticas realizadas pelo *software* Goldvarb (2005) e análise dos dados, nossas proposições foram validadas. De fato, os informantes da primeira faixa etária (20 a 34 anos), apesar de apresentarem peso relativo um pouco abaixo dos informantes da segunda faixa etária (34 a 54 anos), apresentaram uma maior porcentagem de uso de *tú* (98.6%). Ambas as faixas etárias favorecem o uso dessa variante com (0.676) e (0.695) de peso relativo, respectivamente. Como esperado, a *idade* é uma variável desfavorecida (0.189) na presença de *tú* como regra de aplicação nos informantes mais velhos (acima de 55 anos). Com efeito, esses foram os que apresentaram um maior uso da variante *usted*.

Com relação à variável *escolaridade*, apesar de apresentarem números moderados, os informantes com nível alto de estudos lideram o uso de *tú* (0.561) diante de *usted*. Em contrapartida, indivíduos com menos escolaridade apresentaram um peso relativo de (0.426), exercendo, portanto, pouca influência sobre a regra de aplicação, isto é, *tú*. Desse modo, ao observamos que os falantes mais escolarizados são os que lideram o uso de uma variante inovadora, contrariando, assim, a hipótese clássica dos estudos sociolinguísticos, conseguimos perceber a pujança de *tú* que avança e se impõe nessa comunidade de fala.

Finalmente, os dados analisados parecem indicar uma mudança em curso quanto ao uso das formas de tratamento de segunda pessoa na variedade do espanhol falado em Valência. A extensão do *tuteo* nessa cidade nos leva a concluir que esse não é um fenômeno avaliado negativamente. Pelo contrário, os dados analisados favorecem o uso da variante *tú* em vários contextos em que, outrora, esperaríamos o uso de *usted*. Isso é um indício de que a variável em estudo possui prestígio sociolinguístico nessa comunidade. No entanto, conforme explicitamos anteriormente, para constatação, de fato, da mudança, faz-se necessário a complementação de estudo com técnicas metodológicas diferentes das usadas neste estudo.

Referências

BLAS ARROYO, J. L. *Sociolingüística del español: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*. Madrid: Cátedra, 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960, p. 252-281.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamento. In: IZQUIERDO, A.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (orgs.). *La lengua española en América: normas y usos actuales*. Valência: Universitat de València, 2010, p. 225-236.

CALDERÓN CAMPOS, M.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D. F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 195-222.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros, S.A, 1997.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

ECKERT, P. Ages as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 1998, p. 151-167.

FERNÁNDEZ, M.; GERHALTER, K. Pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español: una bibliografía (1867 – 2016). *Revista de Lingüística en la Red*, n. XIV, p. 1-161, 2017. Disponível em: http://www.linred.es/monograficos_pdf/LR-monografico15-articulo4.pdf. Acesso em: 27 maio 2020.

FIGUEIREDO, C. F. G. Variável extralingüística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almojarife, São Tomé. *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 22, n. 1, p. 41-76, 2012. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1682>. Acesso em: 28 maio 2020.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas e Letras*, v. 6, n. 2, p. 05-121, 2005. DOI 10.5935/rl&l.v6i11.875. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875>. Acesso em: 28 maio 2020.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto*. Valência: Universitat de València, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo*. Valência: Universitat de València, 2007.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HUMMEL, M., KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *In: Sociolinguistics working paper*, n. 44, 1978. Texas, Austin: Southwest Educational Development Laboratory.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MATTE BON, F. *Gramática Comunicativa del Español*. 11 ed. Madrid: Edelsa, 2008.

MEDINA LÓPEZ, J. Variación sociolingüística en las formas de trato. El análisis probabilístico según los datos del español de Canarias. *In: MURILLO MEDRANO, J. (ed.), Actas. II Coloquio Internacional del Programa EDICE*, Publicação eletrônica patrocinada por EDICE e as universidades de Estocolmo y Costa Rica, p. 97-114, 2004. Disponível em: <http://www.edice.org/descargas/2coloquioEDICE.pdf>. Acesso em: 08 maio 2020.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4 ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

MORÍN, A.; ALMEIDA, M.; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. *In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 717-734.

NOWIKOW, W. Sobre los motivos del empleo de tú y usted de estudiantes universitarios en Guadalajara (Jalisco, México) desde la perspectiva de los enfoques y etológico-lingüísticos. *In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 795-807.

OROZCO, L. La extensión del tuteo en la ciudad de Guadalajara (México). *In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 771-791.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. (2005). *GOLDVARB X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANROMÁN VILAS, B. El uso de tú y usted en los jóvenes de Cádiz. *In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (orgs.). Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010, p. 734-754.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington, D.C: George Washington University Press, 2001.

SILVA-CORVALÁN, C.; ENRIQUE-ARIAS, A. *Sociolingüística y pragmática del español*. 2 ed. Washington, D.C: George Washington University Press, 2017.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In: MOLICCA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo, Brasil: Contexto, 2015, p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

¹ “[...] sistema monolítico, uniforme y homogéneo” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 242).

² Salientamos que usaremos os dois termos indistintamente ao longo do trabalho.

³ “[...] una vez concluido el período de adquisición lingüística —en torno a la adolescencia— el idiolecto se estabiliza y ya no cambia en lo esencial. Ello significa, por ejemplo, que el habla de una persona de 70 años representaría en la actualidad a la de los hablantes de 20 años medio siglo atrás. Por lo tanto, los patrones de variación lingüística de los primeros podrían compararse con los de otros cortes generacionales, con el objeto de verificar la existencia de posibles cambios “en marcha” en el seno de la comunidad de habla. (Blas Arroyo, 2012, p. 270).

⁴ De acordo com Calderón Campos (2010), o *tuteo* consiste em empregar as formas pronominais e verbais do paradigma de *tú* para se dirigir a um interlocutor.

⁵ “[...] la creación de un corpus de lengua española hablada representativo del mundo hispánico en su variedad geográfica y social.” PRESEEA. *Presentación*. Disponível em: <https://preseea.linguas.net/>. Acesso em: 04 jun. 2020.

⁶ “[...] en español, el pronombre sujeto aparece solo cuando al hablante le parece indispensable para la correcta comprensión de sus intenciones comunicativas”.(MATTE BON, 2008, p. 249)

⁷ “[...] age is a person’s place at a given time in relation to the social order: a stage, a condition, a place in history.” (Eckert, 1998, p. 151)

⁸ Bachillerato, no México, consiste em um período de estudos de dois ou três anos que acontece após a Educação Secundaria, também conhecido como Educación Media Superior. Nesse nível, adquire-se competências acadêmicas médias para o ingresso na Educación Superior. Para informação completa sobre a estrutura do sistema educativo mexicano, recomendamos a consulta do documento elaborado pela Secretaria de Educação Pública do governo mexicano, disponível no seguinte endereço eletrônico:

https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/1447/1/images/sistemaedumex09_01.pdf. Acesso em: 12 jun. 2020.